



O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

NAVARRO, Mariana Stoeterau – UNICAMP
maristn@yahoo.com.br

Eixo Temático: Cultura, Currículo e Saberes
Agência Financiadora: CNPq

Resumo

O brincar é atividade fundamental para crianças pequenas, é brincando que elas descobrem o mundo, se comunicam e se inserem em um contexto social. Brincar é um direito da criança, além de ser de suma importância para seu desenvolvimento, e, por isso as escolas de ensino infantil devem dar a devida atenção a essa atividade. Propõe-se neste texto, discutir a presença do brincar no contexto da educação infantil, primeira fase do ensino fundamental. As diferentes formas de mediação da professora, os materiais, brinquedos e organização dos ambientes têm grande influência no bom aproveitamento do brincar pelas crianças, pensando na aprendizagem decorrente dele. Não basta só brincar, é preciso que seja com qualidade, e para isso é importante prestar atenção aos agentes mediadores da atividade. Por meio de pesquisa qualitativa de caráter descritivo, refletimos a respeito da forma como a escola está organizada e como a professora coloca o brincar no seu cotidiano. A observação de uma turma de uma escola de educação infantil da rede municipal de ensino de São Paulo no período de dois meses nos deu subsídios para essa reflexão. Percebemos, na escola, que o brincar está presente, existe um tempo dedicado à ele, mas falta a preocupação com as formas em que ele acontece e dos materiais disponíveis para isso, como se simplesmente deixar as crianças brincarem por um tempo diário determinado fosse suficiente. Observamos a importância do contexto da escola estar organizado de forma a incentivar a imaginação e as brincadeiras, assim como da professora se colocar como também organizadora de um ambiente rico para brincadeiras.

Palavras-chave: Brincar. Mediação. Educação infantil.

Introdução

Tem-se falado e estudado muito o fenômeno do brincar, da importância de as crianças brincarem para ajudar em seu desenvolvimento. Fala-se também sobre a brincadeira dentro da escola, principalmente de educação infantil.

É importante entender do que se fala quando se fala em brincar e perceber a relevância de um tempo no cotidiano das crianças destinado a um brincar de qualidade, em um espaço adequado, com materiais interessantes para as crianças e que estimulem a criatividade. A mediação de um adulto, de outras crianças, ou dos próprios objetos que se encontram a

disposição da criança faz a diferença nas brincadeiras. Não basta deixar brincar, aos adultos é preciso olhar um pouquinho mais para as crianças, perceber suas necessidades e assim tentar entender e estimular a brincadeira.

Grandes mudanças ocorreram na sociedade atual nas últimas décadas. A família passou de um pai que trabalha, uma mãe que fica em casa com as crianças em uma casa grande com jardim e crianças que vão para a escola em apenas um período, tendo o restante do dia para brincar, para pai e mãe trabalhando, crianças desde muito novas em creches e escolas durante o dia inteiro enquanto os pais trabalham.

O brincar e a própria infância assumem novos contornos, assim como a escola está tendo que se adaptar a essas mudanças. Para Kishimoto (2001), a urbanização, a industrialização e os novos modos de vida fizeram com que a criança fosse esquecida e que a infância se encerrasse, transformando a criança em um precoce aprendiz. A criança deve aprender tudo o que conseguir, freqüentar todas as aulas que seus pais possam pagar, procurando um futuro bom, uma profissão interessante e lucrativa. Isso sem pensar naqueles que, desde muito cedo, trabalham nas ruas para ajudar no orçamento de casa. O tempo é todo preenchido em favor do futuro, e não do presente, não se pensa na infância como tempo da vida que tem suas características próprias. É necessário, é importante ser criança, ter tempo para brincar, socializar, olhar para o mundo com o olhar da criança, sem tantas pressões e responsabilidades.

As mães saírem para trabalhar foi uma das mudanças mais importantes da sociedade atual e com isso a educação infantil começa a tomar espaço, o reconhecimento dessa fase do ensino aumenta, a escola para as crianças pequenas passa a ser vista como mais do que um ambiente para deixar as crianças enquanto as mães trabalham. Algumas crianças passam boa parte do seu dia na escola e esse ambiente deve pensar nas suas necessidades, realizar atividades que respeitem a infância, além daquelas de necessidade básica, como comer, dormir ou tomar banho. Brincar é um direito da criança, é, segundo Leontiev (2006), a principal atividade das crianças pequenas, pois é ela que vai impulsionar a criança para outro nível de desenvolvimento.

Brincar é preciso, é por meio dele que as crianças descobrem o mundo, se comunicam e se inserem em um contexto social. A brincadeira, segundo Brougère (2001), supõe contexto social e cultural, sendo um processo de relações interindividuais, de cultura. Mediante o ato

de brincar, a criança explora o mundo e suas possibilidades, e se insere nele, de maneira espontânea e divertida, desenvolvendo assim suas capacidades cognitivas, motoras e afetivas.

Se o brincar é social, a criança não brinca sozinha, ela tem um brinquedo, um ambiente, uma história, um colega, um professor que media essa relação e que faz do brincar algo criativo e estimulante, ou seja, a forma como o brincar é mediado pelo contexto da escola é importante para que seja de qualidade e realmente ofereça a oportunidade de diferentes aprendizagens para a criança.

Entendendo isso, as instituições de educação infantil que respeitam os direitos e as necessidades das crianças não podem deixar de incluir o brincar em seu currículo, com planejamento, materiais adequados, espaço próprio e incentivo por parte da direção e da professora.

Como o brincar vem sendo tratado no interior das escolas de educação infantil, o incentivo, os espaços e as mediações que tem acontecido nessas instituições e a importância disso tudo para a aprendizagem e desenvolvimento da criança são os focos de discussão do presente texto.

Brincar, Aprendizagem e Mediação

Para Vigotski¹ (2007), na abordagem histórico-cultural, brincar é satisfazer necessidades com a realização de desejos que não poderiam ser imediatamente satisfeitos. O brinquedo² seria um mundo ilusório, em que qualquer desejo pode ser realizado. As duas principais características colocadas pelo autor são as regras e a situação imaginária, sempre presentes nas brincadeiras. De acordo com essa teoria, quando as crianças mais novas brincam, elas utilizam muito a situação imaginária, a imaginação está presente com força, enquanto as regras ficam mais ocultas, mas não deixam de existir. A brincadeira de casinha é um exemplo do brincar das crianças pequenas, em que o imaginário reina, mas certas regras de comportamento devem ser seguidas. Com o passar do tempo, as regras vão tomando mais espaço e a situação imaginária vai diminuindo, como num jogo de queimada em que as regras

¹ Devido à discordância de tradutores, encontramos em diversas obras o nome do autor escrito de formas diferentes. Optamos por manter a grafia das obras mais recentes: “Vigotski”, com exceção dos momentos de citação ou quando nos referimos a alguma obra específica, cuja grafia do nome do autor esteja colocada de forma diferente.

² Nas traduções dos textos de Vigotski aparece o termo “brinquedo” quando o autor faz referência ao ato de brincar.

são primordiais, mas a situação imaginária de dois lados opostos em “guerra” e de comportamentos diferentes daqueles da vida real não deixam de existir.

Para Vigotski (2007), a criança ao nascer já está imersa em um contexto social, e a brincadeira se torna importante para ela justamente na apropriação do mundo, na internalização dos conceitos desse ambiente externo a ela.

O contexto social é importante para o brincar infantil. De acordo com Brougère (2002) o brincar não pode ser separado das influências do mundo, pois não é uma atividade interna do indivíduo, mas é dotado de significação social. Para o autor a criança é um ser social e aprende a brincar. A brincadeira pressupõe uma aprendizagem social. “A criança não brinca numa ilha deserta. Ela brinca com as substâncias materiais e imateriais que lhe são propostas, ela brinca com o que tem na mão e com o que tem na cabeça” (BROUGÈRE, 2001, p.105).

Ao mesmo tempo em que a brincadeira está imersa em um determinado contexto social, ela é subjetiva. Dependendo da situação, um mesmo comportamento pode ter significações diferentes. Freire (2002) trabalha com o jogo como um fenômeno percebido por suas manifestações, sendo inútil tentar listar componentes para afirmar ou negar certa atividade como jogo. Não podemos separar as regras, a imaginação, a espontaneidade, juntar tudo e constituir o jogo, para Freire (2002), é na interação dessas características, entre outras, que ele surge. O autor explica que

Tudo no jogo aponta para o mundo interior do sujeito, invisível aos nossos olhos, e a tradução exterior dessa atividade, no plano da nossa razão, confunde-se com expressões de qualquer outra atividade (FREIRE, 2002, p.67).

Só quem pode realmente afirmar se está brincando é o sujeito da ação. Quem observa pode pensar que a criança está brincando, pois ela se encontra no meio da brincadeira com outras crianças, ou por estar com um brinquedo na mão, mas ela pode não estar envolvida com a brincadeira, assim como uma criança quietinha no canto da sala pode estar brincando, completamente mergulhada na imaginação.

O brincar é uma atividade difícil de ser caracterizada, o que se deve ao seu caráter subjetivo, mas pode-se afirmar que é social e livre, pois não é possível obrigar ninguém a entrar na brincadeira, possui regras e uma situação imaginária. É atividade dominante na infância, e é por meio dela que as crianças começam a aprender.

Entendendo melhor o fenômeno do brincar percebemos a importância dessa atividade para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, e, conseqüentemente, para as instituições de educação infantil.

Segundo a teoria de Vigotskii (2006), aprendizagem e desenvolvimento não são sinônimos. Para o autor, a aprendizagem de uma criança e seu desenvolvimento estão ligados entre si desde os seus primeiros anos de vida; a aprendizagem deve ser coerente com o desenvolvimento da criança, a capacidade de aprender está relacionada com a zona de desenvolvimento em que a criança se encontra. Ao mesmo tempo, a aprendizagem estimula processos internos de desenvolvimento, criando zonas de desenvolvimento proximal. “[...] a aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental [...]” (VIGOTSKII, 2006, p.115).

A zona de desenvolvimento proximal é um conceito importante da teoria de Vigotski (2007). O autor determina dois níveis de desenvolvimento: o real, representando o que a criança já consegue realizar sozinha, e o potencial, que significa aquelas atividades que a criança tem capacidade de realizar, mas ainda não o faz. A zona de desenvolvimento proximal, ou ZDP, se encontra entre esses dois níveis de desenvolvimento, ela representa o que a criança consegue realizar, mas contando com a ajuda de um mediador. O que está na ZDP hoje, amanhã pode ser desenvolvimento real. Ou seja, é essencial para o aprendiz criar a zona de desenvolvimento proximal.

Entendemos que o brincar é importante para o desenvolvimento da criança e Vigotski (2007) confirma essa afirmação. O autor coloca que o brincar é uma atividade que estimula a aprendizagem pois cria uma zona de desenvolvimento proximal na criança:

[...]No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além do seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que ela é na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo ele mesmo uma grande fonte de desenvolvimento. (VIGOTSKI, 2007, p.134).

Para Vigotski (2007), no brinquedo acontecem as maiores aquisições de uma criança, e são elas que se tornarão, no futuro, seu nível básico de ação real e moralidade. No brinquedo a criança passa a agir não apenas pela percepção imediata dos objetos, por exemplo, quando vê uma folha de papel e imediatamente a rasga ou amassa, ela começa a dirigir suas ações de

forma independente daquilo que ela vê, ela pode ver uma folha de papel e brincar de “aviãozinho”. Forma-se uma nova relação entre o que a criança vê, sua percepção visual, e o que a criança pensa, o significado que aquela ação e aquele objeto tem para ela naquele momento. Um pedaço de madeira pode deixar de ser simplesmente um pedaço de madeira, para a criança ele pode se tornar um cavalo.

O conceito de zona de desenvolvimento proximal nos apresenta também a importância da mediação da brincadeira. É por meio dela que a ZDP é criada. O brincar, assim como quase todas as nossas ações, é mediado, por um contexto. Objetos, adultos, crianças, roupas, histórias... De acordo com Vigotski (2007), nossa relação com o mundo é mediada. No contexto das escolas de educação infantil essa questão deve ser bem observada ao pensar na qualidade das brincadeiras a serem vividas naquele ambiente. Deve-se levar em conta que tudo ao redor da criança é capaz de estimular e enriquecer as brincadeiras, ou o contrário. Pensar na mediação torna-se indispensável no momento de organizar e comprar brinquedos, arrumar a sala, brincar no parque, e também no momento em que a professora vai dirigir uma brincadeira com a turma.

A mediação no contexto da escola se destaca das mediações cotidianas pela intencionalidade da ação. A professora a todo o momento se preocupa com a aprendizagem das crianças. No brincar não pode ser diferente, e as mediações devem ocorrer intencionalmente, pensadas pela professora, para que o tempo de brincadeiras dentro da escola seja aproveitado ao máximo pelas crianças.

Favorecer a brincadeira na educação infantil não significa simplesmente deixar que as crianças brinquem sem que seja feita nenhuma intervenção. De acordo com Ayoub (2001), quando o adulto abre mão da sua mediação no processo educativo, a situação pode ser chamada de abandono pedagógico. A autora afirma que é justamente no contexto da brincadeira que o professor descobre o seu papel de mediador.

Brougère (1998) reconhece a importância dos materiais do jogo e da forma como o adulto organiza esse contexto, e afirma que eles são decisivos para que a liberdade da criança ao brincar seja mantida. Para o autor, as características do jogo não devem ser perdidas por ele estar em um ambiente educativo, e a liberdade é uma delas. A escola deve preocupar-se com todo o contexto para favorecer o brincar das crianças. Um professor mediador constrói um ambiente também mediador do brincar.

As formas de mediação da professora são decisivas para garantir que as crianças realmente brinquem na escola, interajam com seus colegas, imaginem, criem regras, utilizem brinquedos diferentes, de formas diferentes, em ambientes que estimulem a imaginação. A aprendizagem decorrente da brincadeira vem da experimentação que a atividade propicia. As maneiras de mediação que o professor pode utilizar no ambiente da educação infantil são muitas, basta que ele reconheça o valor dos objetos, do ambiente, da sua ajuda e orientação, e principalmente da sua organização, para assim possibilitar uma qualidade no brincar de seus alunos.

Relatos da Pesquisa

Metodologia

A presente pesquisa faz parte da dissertação de mestrado intitulada “Reflexões acerca do brincar na educação infantil” realizada na Universidade Estadual de Campinas.

A pesquisa foi qualitativa de caráter descritivo, realizada em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) da cidade de São Paulo, sendo uma das turmas a nossa unidade de análise. As crianças tinham entre três e quatro anos, era a turma de menor idade do período da manhã na escola.

A educação infantil foi escolhida como alvo do estudo, pois é um momento em que o brincar se mostra muito importante para as crianças, é, segundo Vigotski, nessa fase que a brincadeira toma grande espaço na vida da criança, sendo essa uma atividade que pode impulsioná-la para outro nível de desenvolvimento.

Utilizamos observação participante no cotidiano de uma turma com registro simultâneo dos eventos para a construção deste texto.

Na coleta dos dados mantivemos o nosso foco na mediação que o professor realizou nos momentos de brincadeira na educação infantil. Lembrando que entendemos mediação não apenas pela intervenção direta do professor em alguma atividade, mas também pela organização do ambiente, a disposição de materiais, tempo e espaço disponibilizados para as crianças brincarem.

A observação ocorreu num período de dois meses, diariamente, com registro simultâneo. O foco da análise da observação foi o brincar em suas manifestações no real, em que professora e alunos constroem e vivem uma realidade pedagógica específica, única e que

deve ser percebida de acordo com o contexto em que está inserida, para assim contribuir ricamente para nossa compreensão dessa realidade.

Resultados e Análise

Na escola as crianças seguiam uma rotina diária que incluía a hora do lanche e um tempo reservado para o parque e os outros momentos da rotina, parece que é só lanche e parque da forma como está escrito.. Os espaços da escola freqüentados pelas crianças eram basicamente a sala, o ambiente em que o lanche era servido, o parque e com menor freqüência uma pequena área externa em frente à sala de aulas. Para essa análise o foco estará na sala e no parque, pois foram os ambientes mais freqüentados. O parque era muito agradável, amplo, com árvores, brinquedos de madeira e canchas de areia. A sala não fugia dos modelos das salas de escolas infantis, com mesinhas e cadeirinhas, um quadro negro, mesa da professora, computador e televisão, armário para materiais e estante para brinquedos.

A sala de aulas

Na sala algo que chamou a atenção foi a organização dos brinquedos. O armário dos materiais ficava sempre fechado com chave, por questão até de segurança, mas o dos brinquedos não tinha porta, era uma estante, deixando todos os brinquedos a mostra e acessíveis para as crianças. Isso é importante em dois sentidos. Primeiro pela liberdade e autonomia das crianças no momento de escolherem seus brinquedos, elas olhavam e pegavam aquele que lhes agradava mais. Se estivesse muito alto na estante, havia uma cadeirinha posicionada bem ao lado para que subissem e pegassem o brinquedo. Segundo pela confiança da professora nas crianças, que não mexiam nos brinquedos sem que fosse autorizado. As crianças sabiam a hora de pegar os brinquedos e onde deveriam guardá-los quando não fossem mais brincar, era como se tomassem a responsabilidade por aqueles objetos para si, escolhiam, brincavam, guardavam. Esse mérito é da professora, que conseguiu criar esse sentimento nas crianças e com isso não precisava ficar brigando muito para que guardassem ou não pegassem brinquedos. Dessa forma as crianças participavam ativamente da organização da sala.

Entre os brinquedos que ficavam na sala, sempre ao alcance das crianças, estavam alguns carrinhos, algumas bonecas, bichos de pelúcia, pequenas lousas, brinquedos de

madeira para montar (alguns em caixas fechadas, outros em baldes cheios e abertos, incluindo dominós e letras), legos (também em baldes), bonecos de plástico variados (monstros, robôs, bichinhos...), uma casinha pequena de plástico, uma pista para carrinhos pequena, vai e vêm (ainda fechados, pois eram novos), raquetes pequenas de plástico, bolinhas de meia pequenas, quebra-cabeças (os mais velhos já estavam abertos e os mais novos ainda fechados), maquiagem especial para criança. Vale ressaltar que, enquanto a observação estava sendo feita, a escola estava em processo de compra e muitos brinquedos novos chegaram. Alguns foram logo abertos e outros continuaram fechados, mas, se alguma criança visse e pegasse para brincar, a professora deixava abrir. Alguns brinquedos não se encontravam em um estado muito bom, estavam velhos e sujos, e até quebrados.

Mesmo com muitos brinquedos, as crianças se interessavam sempre pelos mesmos. Observar essa questão no momento de adquirir novos brinquedos teria sido interessante. É preciso pensar que esses brinquedos irão para as mãos de crianças pequenas, e devem ser adequados para não quebrem nos primeiros dias e que sejam adequados para a idade. Reconhecemos a falta de recursos da escola para investir em brinquedos mais resistentes, que são mais caros. A falta de incentivo não só da escola, mas de todo um sistema para a brincadeira infantil se mostra grande quando não sobra recursos na instituição para brinquedos adequados e resistentes. Kishimoto (2000, p.15) afirma que “A inexistência de uma verba anual suficiente para aquisição de brinquedos e materiais é outro fator que impede o uso intenso desses materiais”.

A maioria das situações de brincadeiras na sala aconteciam quando outras atividades já tinham acabado, quando as crianças estavam chegando ou indo embora. A professora liberava “*agora pode pegar brinquedo!*”, iam até a estante, escolhiam seu brinquedo, brincavam por alguns minutos espalhados pelo ambiente e voltavam à estante para escolher outro brinquedo. Largavam os brinquedos pela sala e saiam correndo para o pega-pega ou começavam a imitar leões e cobras. Se sentiam livres para brincar. A professora intervinha quando o barulho estava alto, a bagunça grande ou existia algum perigo de que alguém saísse machucado. Ao terminar o horário da aula, antes que os pais chegassem, todos deveriam arrumar a sala, guardar os brinquedos e colocar os móveis em ordem. Todos ajudavam. Essa prática é interessante para que as crianças entendam que aquele espaço era delas e que deveriam cuidar dele.

Em uma ocasião, três crianças chegaram a construir uma pista para seus carrinhos. Elas utilizaram os materiais que encontraram pela sala, como um colchonete, caixa de papelão (tiraram todos os brinquedos que estavam dentro dela), baldes de brinquedos (também esvaziados pelas crianças). Juntaram tudo isso com a mesa e algumas cadeiras e a pista foi montada, mas não utilizada. Nessa situação a brincadeira foi a própria montagem da pista, pois quando esta ficou pronta, as crianças foram brincar de outra coisa. A professora olhou para a atividade e falou que tudo bem, mas deviam tomar cuidado para não se machucarem. É permitido, no momento das brincadeiras, que as crianças explorem e utilizem os móveis da sala para brincar, o que mostra uma abertura da professora no sentido de ver a atividade, não interferir e deixar que ela aconteça.

Os momentos de brincadeiras com grande intervenção foram sempre na sala, onde a professora brincava com os alunos de *corre - cotia, duro ou mole e o mestre mandou*, por exemplo, ensinando como brincava e brincando junto. Na brincadeira do mestre mandou a professora começou como mestre e depois foi apontando para a criança que, naquela rodada, faria o papel de mestre. Essa mediação é muito interessante, pois a professora não impõe nada, ninguém participa obrigado, sendo que todos têm a chance de criar algo novo para a brincadeira. Mesmo não sendo obrigados a brincar, quase toda a turma participava dessas atividades.

A mediação da professora não vem no sentido de obrigar ou impor uma atividade, mas sim de mostrar, incentivar e motivar as crianças. Não é pela necessidade da livre-escolha nas brincadeiras que as crianças não podem realizar atividades propostas pela professora. A mediação da professora aparece no sentido de dar a oportunidade para a criança de participar de atividades dirigidas, programadas e também possibilitar que a criança crie, manifeste-se e expresse-se de diferentes formas e sem medo, assim como recomenda Faria (2002).

Nos momentos em que a professora trouxe e ensinou essas brincadeiras, todas as crianças brincaram juntas e sempre se divertiram e se mostraram bastante interessadas em novas brincadeiras. A situação de a professora ensinar uma brincadeira não parece ser muito frequente na turma, perceber essa vontade das crianças seria interessante para que a professora proporcionasse à turma mais momentos como o descrito acima. Em dois meses de observação, foram observadas poucas atividades de brincadeiras planejadas e ensinadas pela professora.

Uma forma de intervenção bem sutil aconteceu em diversos momentos de brincadeiras livres das crianças. Um exemplo interessante nos mostra como a presença da professora, mesmo não dirigindo a atividade, é importante para o brincar das crianças. A turma brinca com os brinquedos da sala e a professora dá uma idéia de brincadeira ou de personagem, as crianças reagem sempre com bastante receptividade às idéias da professora que aproveita o brinquedo que elas escolhem para lançar desafios.

Pegaram uma caixa de um brinquedo de letras e tentaram escrever o nome. A professora que teve a idéia mas quem não quis brincar não precisou...livre escolha. Ela os desafia: Vamos ver quem vai conseguir (diário de campo, dia 4/4/2008).

Eles escolheram esse brinquedo e a professora aproveitou para incentivar que escrevessem o nome, mas sem forçar, só quem queria. Vigotskii (2006, p.114) afirma que “o único bom ensino é o que se adianta ao desenvolvimento”. A interferência da professora, ao dar idéias, sugestões, organizando o ambiente, propondo alguma brincadeira, cria na criança a zona de desenvolvimento proximal de que Vigotskii (2006) fala. Ao invés de trabalhar com conceitos e brincadeiras que as crianças já conhecem, a professora abria o caminho para novas aprendizagens, se adiantaria ao desenvolvimento, por isso é tão importante a sua mediação.

O faz de conta sempre predominou nessa turma. As brincadeiras, mesmo que já chegassem às crianças com regras prontas sempre estavam cheias de imaginação. A professora, mesmo em situações que não seriam consideradas brincadeiras de faz de conta, estimulava a imaginação. Em um momento que as crianças brincavam de massinha, por exemplo, a professora percebeu que não estava muito interessante e colocou um pedaço de massinha no nariz, na mesma hora as crianças se animaram e começaram a brincar de outras formas com a massinha. A professora mostra outras possibilidades, o que motiva a criança e sua criatividade. Wajskop (2005, p.38) fala da importância da presença do adulto nas brincadeiras, o colocando como elemento integrante “ora como observador e organizador, ora como personagem que explicita ou questiona e enriquece o desenrolar da trama, ora como elo de ligação entre as crianças e o objeto”.

A professora como organizadora da sala fazia algumas mudanças. Arrastava as mesinhas para perto das paredes para que no meio da sala ficasse um espaço livre mais amplo para as brincadeiras. Era nesse espaço que a turma ficava na maior parte do tempo, sentados

no chão, crianças e professora. Nos dias frios a professora colocava um acolchoado no chão. Nos momentos de brincadeira na sala esse espaço era muito importante, era nele que crianças corriam e montavam casinhas e pistas de carros.

A disposição dos móveis na sala deveria ser pensada colocando a criança e suas necessidades como norteadores. A criança pequena se movimenta muito, explora os objetos, é motivada pelo ambiente, o que não tem nada em comum com a disposição das salas com cadeiras e mesas ocupando todo o espaço. A professora, ao deixar o máximo de espaço aberto possível na sala, tenta fugir dessa disposição que privilegia a imobilização que as mesas e cadeiras trazem. Dentro do que é possível naquele momento, a professora pensa na criança que vai ficar dentro daquela sala, que vai brincar e se movimentar o tempo todo. De acordo com Kishimoto (2001b, p. 243), “é ainda a relação espaço-objeto-usuário que estimula e orienta a criança, facilitando a exploração”.

É a mediação da professora, mesmo que simples e sutil fazendo diferença para as brincadeiras. Tanto ao deixar as crianças livres para escolher os brinquedos como ao tentar melhorar o pequeno espaço da sala, já lotado com mesas e cadeiras, para ampliar possibilidades de brincadeiras é demonstrada a valorização dessa atividade por parte da professora, embora o tempo destinado na rotina fosse aqueles de preenchimento de “espaços livres”.

Apesar de a brincadeira acontecer bastante na sala percebemos uma falta de planejamento, não se dá a importância para o brincar das crianças o suficiente para incluí-lo entre as atividades da rotina. “quem terminou pode brincar”, “a hora de brincar é depois, no parque, não agora, aqui é coisa séria!” são exemplos de tratamento do brincar pela professora. A professora mostra que tem boa vontade e que entende a brincadeira como importante, mas a falta de conhecimento e o incentivo necessários para a fazer com que a atividade não ocupe um espaço pouco importante ou apenas complementar no seu planejamento.

Considerações Finais

Com essas observações e reflexões foi possível perceber que a rotina, o ambiente físico, os materiais, além da professora também são fortes mediadores do brincar na escola, e muitos deles dependem de um incentivo maior. Maior que a professora, que muitas vezes não tem outras possibilidades. Maior que a escola que recebe uma verba mensal insuficiente para

proporcionar equipamentos melhores e mais adequados para as crianças e para a professora. Todo um sistema escolar está em falta com a brincadeira infantil.

Pensamos no que resta para a professora de educação infantil, que tem uma profissão pouco valorizada socialmente, a estrutura física das escolas não está adequadamente pensada para as crianças, tem uma formação que, segundo Kramer (2006), muitas vezes deixa a desejar, e ainda deve seguir a rotina determinada pela escola, deixando sempre, ao término de seu período de trabalho, a sala arrumada para que a professora do próximo turno não reclame.

A formação dos professores não dá conta de ensinar o fenômeno brincar e sua importância. A boa vontade da professora foi sentida, e também a falta de conhecimento teórico que a faça defender e justificar a brincadeira na escola, e colocá-la em seu planejamento. Situações e mediações interessantes aconteceram, mas ainda temos aquele sentimento de uma escola de crianças feita por adultos. Adultos que deveriam se colocar mais no lugar das crianças para construir suas práticas.

O aprendizado decorrente das brincadeiras infantis fica debilitado. A teoria ajudaria muito na prática da professora. Entender a organização do contexto como forma de mediação importante para o brincar, perceber a brincadeira como atividade que tem um fim em si mesma e que é importante para a criança apenas brincar, sem se preocupar com objetivos maiores, assim como afirmou Sayão (2008) seria muito relevante para a prática da professora.

As atividades de brincadeiras conduzidas pela professora, ou aquelas em que ela estava presente dando sugestões e brincando junto mostram a boa vontade da professora. Ela tem consciência da importância que as brincadeiras e de sua mediação para as crianças. Ao mesmo tempo, algumas falas dela, expressões que utiliza e práticas a respeito da brincadeira como alternativa para dias de chuva ou para quando as crianças já acabaram a lição mais importante, mostram que falta algum conhecimento maior no entendimento do fenômeno do brincar.

Realizando essa pesquisa percebemos a importância do contexto, da estrutura física, dos materiais e da forma como eles são organizados para as crianças. Um contexto bem organizado pela professora é capaz de estimular uma criança como mais nada o faria. Brougère (2001) afirma que é justamente essa a função da professora durante a brincadeira na educação infantil. Muitas vezes, só são vistas como atividades que ajudam no desenvolvimento da criança e realmente importantes no contexto da escola, atividades dirigidas pela professora. A preparação do ambiente, a forma como são colocados os

brinquedos e os móveis na sala são ações da professora também muito importantes, principalmente quando se fala de brincar. O contexto educa, a criança aprende por meio dos estímulos que lhes são ofertados em seu dia-a-dia. Profissionais que trabalham nas instituições de educação infantil deveriam dar mais valor à forma como o contexto da escola é organizado, tanto as salas como o parque, como qualquer outro ambiente.

A criança tem direito de brincar, entendê-la como sujeito de direitos é proporcionar um brincar de qualidade para ela. Isso inclui tempo, espaço, materiais, formação de professores e, principalmente, incentivo.

Tudo isso tem sua influência na mediação da professora e deve ser levado em conta. Acreditamos que a professora da escola pesquisada proporciona um brincar positivo para as crianças, acredita na atividade como importante para as crianças, motiva, participa, programa atividades de brincadeiras. A professora, mesmo a escola não estando organizada pensando no brincar como necessidade e direito das crianças, cumpre bem seu papel de mediadora da atividade.

Lembramos que essa é a análise de uma realidade específica e que não podemos generalizar.

REFERÊNCIAS

AYOUB, E. Reflexões sobre a Educação Física na Educação Infantil. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, supl.4, p. 53-60, 2001.

BROUGÈRE, G. **Jogo e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

_____. **Brinquedo e cultura**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, T. M. **O Brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

FARIA, A. L. G. de. **Educação pré-escolar e cultura: para uma pedagogia da educação infantil**. 2. ed. Campinas - SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Cortez, 2002.

FREIRE, J. B. **O jogo: entre o riso e o choro**. Campinas: Autores Associados, 2002.

KISHIMOTO, T.M. **Salas de aulas nas escolas infantis e o uso de brinquedos e materiais pedagógicos**. Trabalho apresentado na 23ª reunião da ANPED, Caxambu, 2000. Disponível em <<http://www.anped.org.br/reuniões/23/textos/0722t.PDF>> Acesso em <01/09/2008>

_____. A LDB e as instituições de educação infantil: desafios e perspectivas. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, supl.4, p.7-14, 2001a.

_____. Brinquedos e materiais pedagógicos nas escolas infantis. **Educação e Pesquisa**, Campinas, v.27, n.2, 2001b.

KRAMER, S. As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: educação infantil e é fundamental. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.27, n.96, 2006.

LEONTIEV, A. N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 10ª ed. São Paulo: Ícone, 2006. Cap.4.

SAYÃO, D. T. **Infância, Educação Física e Educação Infantil**. Disponível em <<http://www.ced.ufsc.com.br/~nee0a6/dborahfln.rtf>>. Acesso em <11/06/2008>.

_____. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKII, L.S. ; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 10ª ed. São Paulo: Ícone, 2006. Cap. 6.

_____. **A Formação Social da Mente**. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WAJSKOP, G. **Brincar na Pré-escola**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.